

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 8



PORTO ALEGRE
2007

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra
c.a.reis@mail.telepac.pt

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
fjetorres@usc.es

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, UFRGS
mgbordini@portoweb.com.br

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pela *homepage* da AIL:

www.lusitanistasail.net

Informações pelos *e-mails*:

[lusitanistasail@terra.com.br](mailto:ailusit@ci.uc.pt); ailusit@ci.uc.pt

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 8 – Agosto de 2007

Diretor:

Regina Zilberman

Diretor Executivo:

Benjamin Abdala Junior

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação: Luiz Fagundes Duarte

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Evangraf, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

EDITORIAL	09
LUIZ FAGUNDES DUARTE	
Tempo de perguntar	11
TEORIA E CRÍTICA DA CRÍTICA	
ALMUTH GRESILLON	
La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières	31
GIUSEPPE TAVANI	
O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”	46
VANDA ANASTÁCIO	
Quando o papel interfere com a escrita: reflexões sobre alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna	75
JOÃO DIONÍSIO	
<i>Criticus fit</i>	104
CRÍTICA E LINGUÍSTICA	
HEITOR MEGALE, SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO, PHABLO ROBERTO MARCHIS FACHIN, RENATA FERREIRA COSTA, VANESSA MARTINS DO MONTE	
Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística	127
LUÍS PRISTA	
Um manuscrito de João Félix Pereira: a <i>Carta</i> sobre a Reforma Ortográfica de Barbosa Leão	147

Quando o papel interfere com a escrita

Reflexões sobre alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna¹

VANDA ANASTÁCIO

Fundação das Casas de Fronteira e Alorna
Fundação para a Ciência e Tecnologia

*Papier ist geduldig*²

No Diálogo Segundo de *A Corte na Aldeia*, impresso pela primeira vez em 1630, Francisco Rodrigues Lobo faz contar à personagem designada por “Doutor” a seguinte história:

nos primeiros tempos, quando se inventaram as letras, escreviam os homens nas folhas das árvores, como ainda hoje nas de palmei-

¹ O presente trabalho integra-se no âmbito dos projectos editoriais da correspondência conservada no espólio das Casas de Fronteira e Alorna apoiados pela Fundação das Casas de Fronteira e Alorna e pela FCT [Fundação para a Ciência e Tecnologia] e dinamizados pelo Dr. Fernando Mascarenhas, actual Marquês de Fronteira.

² Expressão proverbial alemã. Em tradução literal nossa: “O papel é paciente”. As origens deste provérbio são por vezes atribuídas a Cícero, o qual, nas *Epistulae ad familiares* usa uma expressão não completamente coincidente: *Epistulae non erubescit*.

ras escrevem os gentios de alguas partes do Oriente. As Sibilas nelas escreveram suas profecias, e, assim, se chamaram a seus escritos *folhas sibilinas* e ainda na linguagem portuguesa se conserva algũa cousa desta antiguidade, pois dizemos folhas de papel sem o papel ter folhas, mas é em lembrança das primeiras que se usaram na escritura. Depois se escreveu em ãa casca tenra das árvores que é o entreforro da cortiça. E, porque a esta chamavam livro, conservam ainda agora eles o nome; e a divisão que agora fazem os escritores de *livro primeiro, segundo*, e daí adiante, é o número por que então deviam contar aquelas cascas. Também se escreveu em o miolo de ãa maneira de juncos a que chamaram papiros, donde aos latinos ficou o nome para o papel. Depois se escreveu em tábuas, nas quais, sobre cera, com um instrumento de ferro ou latão, a que chamavam estilo, se assinavam as letras, e do ferro com que se escreveram se veio a derivar o que agora dizemos bom ou mau, humilde ou altivo estilo de escrever, passando-o por translação da perfeição do instrumento ao concerto e polícia nas palavras.³

A breve relação cronológica dos materiais de escrita aqui esboçada⁴ servir-nos-á de introdução ao tema sobre o qual procuraremos reflectir, ou seja, a importância de que o estudo do manuscrito enquanto objecto se reveste para a sua compreensão. Das folhas das árvores às tabuinhas enceradas, a lista de exemplos referidos por Rodrigues Lobo parece insistir numa questão fundamental que é, também, uma evidência: a de que, sem um suporte, não existe documento escrito.⁵ O mesmo texto permite ilustrar subtilmente outra ideia: a de que a necessidade de escrever aguça a imaginação do “escrevente”, levando-o a encontrar soluções capazes de assegurar a fixação do seu texto de entre o leque de possibilidades facultadas pelo seu tempo, pelo lugar em que se encontra e pelos parâmetros da sua cultura. Estas escolhas condicionarão, por sua vez, a sua escrita.

³ LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho. Lisboa: Presença, 1992. p. 74.

⁴ Adriano Freitas de Carvalho in LOBO, Francisco Rodrigues, op. cit., p. 74, chama a atenção para o facto desta passagem acerca da “etimologia e formas primitivas” da carta ter um antecedente célebre na *Silva de varia leccion* (Sevilha, 1540), que terá servido de fonte ao texto de Lobo e que era um lugar comum frequente da tratadística relativa à escrita epistolar.

⁵ Utilizamos aqui a designação de “suporte” na acepção definida por Almath Grésillon em *Glossaire de critique génétique*. In: *Éléments de critique génétique*, Paris: PUF, 1994. p. 145: *Support: matière sur laquelle viennent s'inscrire les tracés manuscrites: Pierre, peau, papyrus, parchemin, tablette de cire, de bois, etc.; pour les manuscrits modernes: papier.*

Os exemplos mais célebres deste último constrangimento⁶ são fornecidos pela Antiguidade Clássica: o caso de Quintiliano, aludindo ao efeito desastroso que um número elevado de tabuinhas de cera disponíveis poderia ter na capacidade de síntese de um discípulo,⁷ o de São Jerónimo, avisando o leitor de que não alongará o seu comentário ao texto de Isaías por não ter mais tabuinhas,⁸ ou o de Tito Lívio, fazendo coincidir a extensão de cada uma das suas *Décadas* com o espaço disponível nas colunas de texto compreendidas num rolo (o formato que tinha então o livro).⁹ Como recordou Almuth Grésillon, algo de semelhante parece ocorrer, na era moderna, com a página, claramente encarada pelos escritores como uma “unidade de redacção”,¹⁰ ao ponto de preferirem acumular texto na margem inferior do papel ou nos espaços anteriormente deixados em branco, a escrever no verso ou a iniciar uma nova folha.

Esta necessidade de se exprimir por meio da escrita, que leva um autor a procurar suportes, a fabricar instrumentos e a adaptar o que quer dizer aos materiais disponíveis, apesar de ser comum e indissociável a todo o acto de escrever, é especialmente visível em situações-limite de isolamento ou de privação. Entre os documentos pertencentes ao espólio do Segundo Marquês de Alorna e 4.º Conde de Assumar, D. João de Almeida Portugal (1726-1802), preservados

⁶ Estes exemplos têm sido repetidos com alguma frequência em trabalhos sobre manuscritos e seus suportes. Cfr. ROUSE, Richard H.; ROUSE, Mary A. *Sept siècles de littérature manuscrite*. In: HAY, Louis. (Org.). *Naissance du texte*. Paris: José Corti, 1989. p. 89-101; GRÉSILLON, Almuth. *Eléments de critique génétique*. Lire les manuscrits modernes. Paris: PUF, 1994. p. 64.

⁷ A versão francesa do texto de Quintiliano, *Institutione Oratoria*, 10. 3. 32 *Les cires ne doivent pas être trop grandes. J'ai connu un jeune étudiant trop zélé don't les compositions étaient trop longues parce qu'il écrivait en fonction du nombre de lignes disponibles et cela malgré de nombreuses admonestations. Mais lorsque ses tablettes ont été remplacées par des cires plus petites, le problème a été résolu.* (citado por ROUSE, Richard H.; ROUSE, Mary A., op. cit., p. 93.).

⁸ Eis, mais uma vez, a versão francesa das palavras de São Jerónimo, tal como é citada por ROUSE, Richard H.; ROUSE, Mary A., op. cit., p. 93: *Puisqu'une explication compliquée serait nécessaire d'ici jusqu'à la fin du chapitre et puisque j'ai déjà rempli la cire que reçoit mon commentaire, considérons comme suffisant ce que j'ai dicté jusqu'ici.*

⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁰ Almuth Grésillon afirma, com efeito, (op. Cit, p. 61) [...] *la page représente pour le scribeur incontestablement le cadre matériel d'une unité rédactionnelle. [...] l'écriture manuscrite se moule littéralement dans la forme page. Il n'est que regarder les nombreux exemples où l'écriture se serre de plus en plus vers le bas du folio, comme si le fait de tourner la page ou de prendre un nouveau feuillet impliquait un danger de tarissement [...]*”

no Arquivo do Palácio Fronteira, encontram-se alguns autógrafos que, tanto pelas suas características materiais, como pelas circunstâncias da sua produção, ilustram o que acabamos de afirmar¹¹. Genro dos Marqueses de Távora supliciados publicamente em Dezembro de 1758 sob acusação de terem estado implicados no atentado ao Rei D. José I,¹² D. João de Almeida foi preso – inicialmente na torre de Belém e, mais tarde, no forte da Junqueira –, por suspeitas de envolvimento no incidente. Detido sem acusação formal nem julgamento, este fidalgo permaneceria no cárcere durante dezoito anos (entre Janeiro de 1759 e 1777) sem saber se algum dia voltaria a ser posto em liberdade. Cerca de seis meses depois da sua prisão, tanto sua mulher, D. Leonor de Lorena e Távora, como os seus três filhos menores (D. Leonor de oito anos, D. Maria de seis e D. Pedro, então com quatro anos) foram enclausurados no convento de São Félix em Chelas. D. Pedro, herdeiro do título, foi separado da mãe e das irmãs pouco antes da puberdade,¹³ e colocado sob tutela do Marquês de Pombal, mas a restante família só seria libertada em 1777, depois da morte do monarca.

Tanto quanto é possível apurar, a partir da documentação conservada, o Marquês de Alorna esteve impedido de se comunicar livremente com o exterior durante a maior parte do tempo que durou a sua detenção.¹⁴ Separado dos outros prisioneiros, tinha apenas

¹¹ Note-se que os documentos preservados na Colecção particular do Palácio Fronteira são apenas uma pequena parte do espólio deste autor, encontrando-se a maior parte deste dispersa entre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. A correspondência enviada por D. João de Almeida na juventude (1744-1751) a seu pai, ao tempo Vice-Rei da Índia, foi já publicada por MONTEIRO, Nuno Gonçalves. *Meu pai e meu Senhor muito do meu coração*. Correspondência do conde de Assumar para seu pai, o marquês de Alorna, Lisboa: ICS, 2000.

¹² Referimo-nos ao atentado que teve lugar a 3 de Setembro de 1758.

¹³ Na carta à esposa datada de 25 de Janeiro de 1766 (Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: JOAMUL23) a que adiante nos referiremos, o Marquês de Alorna indignar-se-á com esta separação, nos termos seguintes, p. 3: “Pedro perdeu um mestre bom para ficar entregue a um tolo, prejudicial e indigno. Não tem nenhum mestre que lhe ensine coisa alguma, está-se perdendo vesivelmente e, se disserem que isso é só enquanto o não mandam para o colégio, perguntaria eu, então, qual é a necessidade que há, antes dessa boa expedição, para que saísse desse sítio de Chelas e da família e para vir não fazer nada em Lisboa, deixando-te ao desamparo? Também dirão que esperavam que a entrada no colégio fosse mais breve. Mas, ou fosse breve ou dilatada, a saída de Chelas não tem pés nem cabeça e claramente se está vendo que foi só para te matarem.”

¹⁴ Nos últimos anos da prisão, D. João de Almeida Portugal partilhou a sua cela com o Marquês de Gouveia, D. Martinho de Mascarenhas, filho do Duque de Aveiro executado

contacto com os guardas da prisão e com os criados que lhe levavam os alimentos. Apesar disso, conseguiu, a partir de data indeterminada, fazer sair da cela algumas mensagens, dirigidas, inicialmente, à esposa e, mais tarde, também aos filhos. Como saíam esses escritos da prisão?

Sabemos, por indicações do próprio D. João, que no período inicial do encarceramento conseguira persuadir um soldado (possivelmente em troca de suborno) a que lhe fizesse sair do cárcere algumas cartas, que viriam depois de ser passadas de portador em portador, até chegarem às mãos de D. Leonor de Lorena e Távora, sua mulher. É o que se depreende da passagem seguinte, incluída em missiva não datada dirigida a esta última:

Nesta guarda vejo um soldado que é por quem eu remeto esta ao nosso, que leva à condessa no caso de não achar o Jacinto e se tu quiseres escrever assim, podes amanhã somente porque ele vai-se de tarde e não torna senão daqui a seis dias.¹⁵

Recorde-se que a maior parte destes portadores eram analfabetos, pelo que o envio de textos por intermédio de soldados, guardas prisionais, moços de recados ou criados, oferecia alguma garantia de privacidade.¹⁶ Contudo, estes papéis podiam vir a ser interceptados ao longo da sua viagem até ao destinatário por outras personagens, mais competentes do ponto de vista da leitura e partidárias dos inimigos das Casas de Távora e de Alorna. Um dos meios

em 1758. Existe um texto da autoria do próprio D. João de Almeida Portugal, no qual este descreve os cárceres do forte da Junqueira. Este texto, redigido durante a sua prisão, foi publicado pela primeira vez em língua alemã em 1803, com o título *Beschreibung der Gefängnisse von Junqueira in Portugal; mit Nachrichten von dasigen Staatsgefangenen bis 1777. Aus dem Portugiesischen von Herrn Abbé Anselm von Eckart. Herausgegeben von C.G. von Murr, Nürnberg*, in der Monath und Kuslerischen Buchhandlung, 1803 e apenas em 1857 em português, com o título: *As Prisões da Junqueira durante o ministério do Marquês de Pombal escritas ali mesmo pelo marquês de Alorna uma das suas vítimas publicadas por José de Sousa Amado, presbítero secular*, Lisboa, 1857 (Houve reedições desta obra em Lisboa, 1886 e em Lisboa, Frenesi, 2005).

¹⁵ Coleção particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL25-1.

¹⁶ Para uma ideia dos níveis de analfabetismo em Lisboa no final do período moderno, veja-se MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras*. Lisboa: INCM, 2000; ARAÚJO, Ana Cristina. Com o nome na mão: aproximação ao universo dos alfabetizados na cidade de Lisboa (1700-1830). *A cidade e o campo*. Colectânea de Estudos. Coimbra: CHSC, 2000. p. 267-84.

usados para despistar possíveis indiscrições foi o emprego do francês, preferível, na opinião do Marquês Alorna, ao uso de cifras, de elaboração difícil e trabalhosa, mas fáceis de descodificar. Diz, com efeito, acerca de uma mensagem cifrada que lhe fora enviada por D. Leonor de Lorena:

Votre chiffre ne vaut rien: il a été volé, je l'ai d'abord déchiffré et la plus grande partie de ce que vous dites en chiffre on pourrait certainement le dire dans une place publique sans imprudence. Je ne saurais vous faire concevoir combien je me suis fâché de la peine horrible que vous avez prise inutilement. Il n'y a rien de si fatigant, malgré la facilité de la méthode qui vous a été indiquée si mal à propos et, quand même on n'aurait pas attrapé la clef, votre travail ne servait jamais de rien pour vous cacher. [...]

Contentons-nous du français: il suffit pour nous rendre incompréhensibles au porteur, et abandonnons ces autres moyens fatigants, qui ne pourraient jamais dérober la connaissance de nos affaires particulières sans le risque évident de ne point parvenir jusques à nous.¹⁷

O facto de se tratar de uma troca de mensagens proibida e secreta exigia que estas circulassem por vias pouco expostas, um facto documentado por afirmações como esta: “Minha filha dos meus olhos agora acabo de receber com grande gosto os teus dois bilhetes pelo telhado do corredor”¹⁸ bem como por instruções como as que se seguem, dadas pelo prisioneiro em carta à esposa, enviada já do forte da Junqueira:

[...] debes saber que na noite de vinte para vinte e um deste mês, e na de trinta para o primeiro do mês que vem, o estarei esperando [*ao portador*]. Para esse efeito, em ordem a evitar sinais estrondo-

¹⁷ Coleção particular Palácio Fronteira cota JOAMUL23, p. 32. Nesta correspondência o francês é usado como uma verdadeira cifra em momentos de incerteza quanto à idoneidade dos portadores, como se observa nas seguintes observações feitas por D. João à esposa em carta não datada: “Minha filha dos meus olhos recebi com grande gosto a tua carta e como já ontem a mulher de Francisco deu razão de si já me não é preciso escrever em francês que sem embargo de não ser uma cifra impenetrável contudo para João Rebelo e para quem queira abrir as minhas cartas antes de tas mandar não deixa de ser conveniente” (Coleção particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL 18).

¹⁸ Coleção particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL12.

sos terei deitado no cano do meu buraco um cordel com uma pedra atada na ponta, desde a uma hora da noite até às duas e meia. Chegando o moço, não tem mais que chegar-se ao pé da parede e dar com a mão até encontrar o cordel, pelo qual puxará três vezes compassadas, e como eu o terei atado a um braço, ficarei conhecendo o que isso quer dizer. Depois puxarei o tal cordel, e deitarei outro com um saco de pano atado para dentro dele se meter a tua carta. Feito isto, dará outro puxão para eu puxar a corda, e depois deitarei dentro do mesmo saco de pano a minha carta. Feito tudo se dará outro puxão pelo cordel para eu o retirar. [...] recomendo que o maço seja pequeno para não encontrar embaraço na passagem do cano.¹⁹

Ainda que as condições da troca de correspondência entre o Segundo Marquês de Alorna e a família tenham variado ao longo dos dezoito anos que durou a sua prisão, dependendo das ocasiões, da boa vontade dos portadores, e das alterações ao regime prisional que foram sendo introduzidas com o passar do tempo,²⁰ os documentos conservados dão conta das dificuldades com que este se debatia quanto aos suportes e instrumentos de escrita. “Manda-me algumas penas boas, porque estas já não prestam para nada” escreve a sua filha Maria, em carta não datada,²¹ “Continua a mandar-me papel, e venham também obreias”²² diz ainda, noutra mensagem enviada à mesma... a verdade é que poucas são as cartas dirigidas por D. João de Almeida Portugal à mulher e às filhas que não incluam pedidos insistentes para que lhe enviem papel, penas e obreias.²³

Sobre esse papel e com essas penas escreveu o Marquês de Alorna com três tipos de tinta: tinta-da-china preta, cuja proveniência exacta não pudemos averiguar; tinta vermelha que ele próprio fabricava e enviava às filhas como presente quando tinha um porta-

¹⁹ Excerto de Carta pertencente ao acervo preservado na BGUC, citado a partir da transcrição provisória com o n.º 232* gentilmente cedida pelo Senhor Professor Aníbal Pinto de Castro. Cfr. Algumas das cartas do acervo hoje preservado em Coimbra foram já publicadas por NEVES, José Cassiano. *Miscelânea Curiosa*. Lisboa: Ed. de Autor, 1983.

²⁰ Veja-se o relato feito em D. João de Almeida Portugal, op. cit.

²¹ NEVES, op. cit., p. 39.

²² Colecção particular do Palácio Fronteira cota: PAIALC100.

²³ As obreias eram folhinhas finas feitas de massa à base de farinha de trigo usada para selar as cartas.

dor disposto a transportá-la²⁴ (fig. 1 e 2), e sumo de limão.²⁵ O segredo do fabrico da tinta vermelha é explicado por D. João de Almeida Portugal em carta a D. Maria:

É física barata, muito fácil de executar, e tudo consiste, em um pouco de pau chamado brasil feito em bocados, e depois pisado, e fervido com água, até diminuição de ametade. Não me ficou tão boa como eu queria, e por isso estou para fazer outra com vinagre branco, que é a receita do carmim, e espero que fique muito melhor deste modo, e por conta de alguma cochonilha que faço tenção de lhe deitar. Tendo passado um dia depois de feita, deita-se-lhe uma pouca de goma arábia, e fica da forma que tu vês.²⁶

Quanto ao limão, o Marquês usava-o como tinta simpática quando queria comentar por escrito assuntos mais íntimos, mas era também empregue pelos restantes membros da família para dar ou pedir informações sobre temas politicamente delicados ou potencialmente perigosos, nas entrelinhas das missivas escritas a negro ou a vermelho (fig. 3). Para poderem ser lidas, as mensagens assim inscritas tinham que ser aproximadas de uma fonte de calor, tendo D. João desenvolvido a seguinte técnica:

Muitas vezes tenho eu aclarado as tuas cartas à luz do candieiro, outras vezes sirvo-me de uma cozinha de luzes que me custou um cruzado e será bom que tu mandes fazer uma semelhante, para o mesmo efeito. Tem pouco menos de um palmo de alto e outro tan-

²⁴ É o que se depreende de afirmações como esta, incluídas em carta não datada de D. Maria de Almeida Portugal enviada ao pai: "Agradeço muito a V.Ex^a a tinta encarnada que me mandou, que vem linda e com muito mais bonita cor que a outra que há mais tempo veio. Sirvo-me ordinariamente dela, porque faz bonito matiz no papel d'Holanda, e porque me faz um gosto delicado servir-me daquilo que foi trabalhado por V.Ex^a." Arquivo da Colecção particular do Palácio Fronteira cota: LEONPAI75. Esta tinta avermelhada teria estado na origem do equívoco narrado pelos biógrafos de D. Leonor de Almeida Portugal, Condessa de Oeynhausien e Marquesa de Alorna, segundo os quais tanto esta autora como sua mãe a teriam confundido com sangue. Cfr. Notícia biográfica. *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de Alcipe*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1844.

²⁵ As primeiras notícias das tintas utilizadas por D. João de Almeida Portugal foram dadas por NEVES, José Cassiano. O Marquês de Pombal e o atentado contra D. José. Inicialmente publicado na revista *Ocidente*, v. 17 e 18, n. 51 e 54, 1942 e reimpresso op.cit., p. 30-41.

²⁶ Carta publicada por NEVES, Art. cit., op. cit. p. 37.

to de largo, é quadrado, tem duas aberturas pelas quais se lhe introduzem duas grisetas de duas luzes, e em cima, onde é aberta, tem um arame posto em cruz, que serve de trempe onde se põe pratos ou caldeirinhas, ou outras coisas em que se quer aquecer água ou o comer, etc.

Para aclarar as cartas há dois modos: o primeiro é fazendo pequeninas as luzes das grisetas, e depois disso, pondo a carta para receber esse calor; o segundo é pondo por cima das luzes uma chapa grande de folha de flandres, de um palmo em quadro, e depois desta bastante quente, chega-se-lhe a carta e assim se vai aclarando.²⁷

O Marquês de Alorna chamava “tinta branca”, ao sumo de limão, e o engenhoso processo de enviar “cartas de tinta branca” escondidas nos objectos que saíam da prisão, revelou-se uma forma de camuflagem tão eficaz que chegou a confundir a própria destinatária destes, como se conclui da advertência seguinte, feita em carta não datada a D. Leonor de Lorena e Távora:

Minha rapariga dos meus olhos como tu não descobres por lá o que eu te escrevo de letra branca é preciso servir-me desta preta para te advertir que anteontem no papel em que ia embrulhada a gravata e que se meteu no saco encarnado com a mais roupa suja que de cá foi, e ontem te escrevi várias coisas no papel que veio com os pastéis, e me aproveitei dos intervalos que não estavam sujos, em fim, adverte tu que de cá não perderei ocasião de te dar novas minhas, e é preciso por isso que buscar tudo o que daqui for.²⁸

A menção do reaproveitamento, para servir como suporte de escrita, “dos intervalos que não estavam sujos” no “papel que veio com os pastéis” conduzir-nos-á ao exame de três das missivas conservadas do Marquês, que nos parecem especialmente ilustrativas quanto à reflexão que aqui procuramos desenvolver. Referimo-nos a duas longas cartas escritas no ano de 1764, num momento em que D. João julgou estar prestes a morrer, destinadas, respectivamente, ao filho (D. Pedro de Almeida Portugal)²⁹ e às duas filhas (D. Leo-

²⁷ Carta não datada enviada à esposa, transcrita por NEVES, Art. cit., op. cit., p. 41.

²⁸ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: JOAOMUL25-1.

²⁹ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: PAIPED1.

nor e D. Maria de Almeida),³⁰ bem como a uma terceira missiva, datada de 25 de Janeiro de 1766, dirigida a sua mulher.³¹

Um dos aspectos relevantes para a compreensão destes escritos prende-se com a sua caracterização genérica. Pelo facto de terem sido redigidos na ausência dos seus destinatários, por se iniciarem com fórmulas de endereçamento do tipo “Meu filho do meu coração”, “Minhas filhas do meu coração” e “Minha filha dos meus olhos” e, ainda, porque dois deles terminam com fórmulas de despedida – “Teu Pai que muito te ama”, (ao filho) ou “Pai que muito as ama do coração” (às filhas) –, estes materiais deverão ser considerados como cartas, ainda que, pelos suportes, pela disposição da escrita no papel, pela extensão (35 fólhos, 36 fólhos e 32 fólhos) e, até pelo relevo que neles adquirem alguns protocolos discursivos e estilísticos tomados de outros géneros, se afastem do que eram, ao tempo, os modelos mais característicos do género epistolar.

No século XVIII, apesar da variação que podemos encontrar nas práticas de diferentes autores, a escrita de cartas obedecia a protocolos que haviam sido teorizados no século anterior e que continuavam ainda a ser objecto de codificação.³² Para além disso, durante séculos, a escrita fez parte dos comportamentos próprios da cultura do grupo social em que nascera e se movera D. João de Almeida até ao momento da sua prisão. Como recordou Ana Cristina Araújo num trabalho recente, a arte de escrever cartas constituía um dos saberes que um cortesão deveria dominar e reproduzia, em

³⁰ Coleção particular do Palácio Fronteira cota: PAI FILS1.

³¹ Coleção particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL23.

³² Para a produção teórica portuguesa e peninsular consulte-se o rigoroso trabalho de ARAÚJO, Ana Cristina. A correspondência: regras epistolares e práticas de escrita. In: NETO, Margarida Sobral. (Coord.). *As Comunicações na Idade Moderna*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2005. p. 120-45, bem como, o artigo de MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nácia Battella. (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 41-54. Acerca dos tratados franceses sobre o género epistolar que circularam em Portugal na segunda metade do século XVIII, veja-se, também, ALMEIDA, Teresa “Tratados epistolares do século VIII. Teoria e prática na correspondência de Chelas” in Vanda Anastácio, (Org.). *Correspondências*. Usos da Carta no Século XVIII. Lisboa: Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005. p. 25-32; para uma panorâmica dos tratados e modelos do estilo epistolar em circulação na Península Ibérica nos séculos XVII e XVIII consulte-se a síntese incluída por SANTOS, Zulmira. Cartas de exílio e melancolia: Teodoro de Almeida (1722-1804) a Ribeiro Sanches (1699-1783), na mesma colectânea, p. 121-131.

grande medida, os “formalismos da civilidade” característicos da etiqueta de corte.³³ Os tratadistas dos séculos XVII e XVIII, para além de se pronunciarem quanto ao estilo, ao nível de linguagem, à organização do discurso ou à extensão próprios das cartas, insistiam em pormenores como o aspecto visual, as formas de tratamento a usar nos sobrescritos, ou a necessidade de adequar, à posição social do destinatário, tanto o que se diz, como o modo como é dito.

Num certo sentido, é possível falar, para este período, de uma *etiqueta* da carta,³⁴ que abrangeria não apenas os aspectos relativos ao conteúdo e à composição do texto epistolar, como a sua materialidade: a escolha do papel, o apuro caligráfico, a disposição dos traçados em relação às margens, entrelinhas e espaços em branco, o lugar da assinatura, a dobragem, o selo e o modo de endereçar o sobrescrito são aspectos incluídos, por exemplo, na definição de “carta de homem de corte” dada pela personagem Leonardo no texto já referido de Rodrigues Lobo:

– [...] E passando do nome da carta aos exteriores dela, digo que há-de ter: cortesia comua, regras direitas, letras juntas, razões apartadas, papel limpo, dobras iguais, chancela sutil e selo claro. E com estas condições será carta de homem de corte.

– E, falando da cortesia, (disse Solino) que entendeis dela?

– A cortesia, (lhe respondeu ele) não falando na leitura da carta, é o sobrescrito, o apartado da cruz té à primeira regra, e do primeiro do papel té o começo de todas; e o sinal e nome de quem escreve, abaixo da data da carta. E, porque nisso há diferentes costumes e erros, me parece bem fazer de tudo lembrança.³⁵

Neste contexto, os comentários seguintes de D. João de Almeida Portugal, queixando-se da inadequação do seu estilo:

³³ ARAÚJO, Ana Cristina, *op. cit.*, loc. cit., afirma, com efeito, na p. 126: “Neste contexto, percebe-se que os formalismos da civilidade, instituindo lugares de salvaguarda, de distância e de familiaridade, tenham sido apropriados e reproduzidos pela correspondência [...]”. Para a relação entre correspondência e cortesia veja-se também, GRASSI, Marie Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.

³⁴ Como observou já ARAÚJO, *op. cit.*, loc. cit., p. 133: “A tradução espacial, imediatamente perceptível, das diferenças que organizam o mundo social encontra-se na forma de nomeação do destinatário, no tratamento e também na disposição da mensagem que lhe é destinada. [...] Em abstracto, na época moderna, os dispositivos de cerimónia articulam-se com a gestão dos espaços em branco, nas entrelinhas e à margem.”

³⁵ LOBO, *op. cit.*, p. 75-6.

Ne remarquez pas mon français qui ne vaut rien, je le fais à *la bambalhona* comme le portugais, où tout est dérangement. Je suis trop possédé de mélancolie pour me contraindre à chercher de bonnes tournures.³⁶

ou da qualidade dos papeis de que dispõe para escrever:

Também me esquecia dizer-te que recebi três cadernos deste papel, que eu conheço muito bem porque é francês, e todos os desta casta têm excelente aparência, mas na experiência é muito inferior ao de Holanda. É pascento em algumas partes, não corre nele tão bem a tinta, e como esta de que uso é da china, que não é tão boa para escrever, ainda se fazem mais sensíveis todos estes defeitos.³⁷

revelam-nos a consciência que este tem dos desvios que a penosa situação em que se encontra o obriga a operar, na sua prática concreta, em relação ao seu modelo ideal do que deveria ser uma carta.

Nos três textos aqui seleccionados como exemplo, o próprio Marquês de Alorna esclarece que as duas mensagens que dirige aos filhos, *são também testamentos*, pois foram escritas com a intenção de suprir o documento oficial que os poderes públicos não tinham o autorizado a fazer:

Já na torre de Belém pela ocasião de uma grande doença que lá tive, pretendi fazer o meu testamento, porém não me concederam licença para isso, e depois que me acho neste forte, encarreguei por duas ou três vezes ao carcereiro dele, o Desembargador José António de Oliveira Machado, que dissesse ao Conde d'Oeiras da minha parte, quisesse pedir licença a elRei, para eu fazer os meus apontamentos, para sossegar com isso a minha consciência, e que os ditos apontamentos ficassem aqui em uma gaveta, e que depois da minha morte lhe desse elRei força de testamento se lhe parecesse. [...] disseram-me que a seu tempo me seria concedida essa faculdade. Ainda não chegou esse tempo, nem talvez chegará, e

³⁶ Coleção particular do palácio Fronteira, cota: JOAMUL23 p. 15.

³⁷ Excerto de carta pertencente ao acervo preservado na BGUC, citado a partir da transcrição provisória com o n.º 234* gentilmente cedida pelo Senhor Professor Anibal Pinto de Castro.

muito mais me fio eu na providência Devina, para que me dê meios de suprir essa falta mais agradavelmente, remetendo-te esta carta.³⁸

No entanto, essa função testamentária, chamemos-lhe assim, reforçada por frases do tipo: “como esta carta pode ser que seja a última, bom será que me sirva de testamento”³⁹ ou: “com esta bem te posso dizer que é da sepultura que te falo”,⁴⁰ convive com o que poderíamos designar por função didáctica ou preceptiva. D. João acrescentará, por exemplo, à lista das suas últimas instruções a D. Pedro, regras de conduta, avisos relativos a possíveis estratégias de persuasão por parte dos seus inimigos e normas para a conservação e administração da Casa nobre de que seu filho deveria herdar o título, num tom que lembra o de um tratado de educação. Algo semelhante se observa na carta do mesmo tipo que escreve na mesma data a D. Leonor e a D. Maria, na qual, para além de lhes recomendar que leiam a missiva que acabara de escrever ao irmão⁴¹ e de afirmar que “em tudo quanto tenho dito se encerra o meu testamento e última vontade minha a seu respeito”⁴² D. João se preocupa em lhes fornecer avisos e conselhos relativos à formação moral, ao comportamento e ao tipo de instrução que julga mais própria para as filhas.

Por sua vez, tal como os documentos que acabamos de referir, também a missiva a D. Leonor de Távora datada de 25 de janeiro de 1766 cumpre funções que ultrapassam o escopo da epístola tradicional. Entre as notícias e as reflexões sobre a saúde e as circunstâncias da separação, inclui-se uma lição de gramática e de ortografia francesa, dada a partir da correcção de um texto que a Marquesa havia enviado a D. João, terminando a carta com um tratado, iniciado com um título (*Obrigações de uma mãe de família encarregada do governo da Casa de seu marido*) e dividido em capítulos (“Observações a respeito dos criados”, “Observações sobre o governo das fazendas”, “Sobre a riqueza”, “Sobre a esmola”, “Sobre o

³⁸ Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: PAIPED1, p. 33.

³⁹ Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: PAIPED1, p. 16.

⁴⁰ Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: PAIPED1, p. 35.

⁴¹ Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: PAIFILS1, p. 3: “Na carta que escrevo a Pedro encontrarão também Vocês muitas coisas que lhe possam pertencer, e por isso lhe digo que a leiam e que reparem nos conselhos que lhe dou em matéria de honra e cristandade, que para todos servem igualmente.”

⁴² Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: PAIFILS1, p. 34.

luxo”, “Sobre a preguiça”, “Sobre a escolha dos mestres para os filhos”, “Sobre a escolha do capelão”, etc.) os quais, talvez por falta de papel, se encontram separados uns dos outros por traços horizontais (fig.4). Estes pormenores, para além de serem em evidência a extrema maleabilidade do género epistolar, devem alertar-nos para o modo como uma situação de escrita particular pode interferir com os modelos retóricos e poéticos mais correntes de um determinado género numa dada época e num dado autor.

Também do ponto de vista meramente gráfico, a simples comparação entre o aspecto visual das cartas que o Segundo Marquês de Alorna redigiu na prisão (fig. 5) e (fig. 6) com o das que escreveu em liberdade (fig. 7) é reveladora. No primeiro caso, a necessidade de acumular texto em pouco espaço leva D. João a não deixar margens, a diminuir o tamanho de letra, a reduzir o espaço das entrelinhas e a substituir a divisão em parágrafos por espaços em branco colocados imediatamente a seguir ao sinal de ponto final. Contudo, quando dispõe de papel, este autor preocupa-se em deixar em branco a margem esquerda do documento (dando, nas palavras de Rodrigues Lobo, “lugar à mão para ter a carta sem cobrir as letras, e para se cortar ou passar chancela sem as ofender”⁴³), bem como o cabeçalho, conferindo ainda um relevo caligráfico particular à primeira maiúscula utilizada. Observe-se ainda que tem, nestes casos, o cuidado de abrir parágrafos quando muda de assunto.

O exame não só dos suportes utilizados mas, também, das informações que sobre eles são fornecidas nos próprios textos, permitem-nos entender melhor os efeitos que as privações do cárcere puderam ter sobre a escrita de D. João de Almeida Portugal.

Uma parte delas encontra-se resumida no final da carta a D. Pedro, aqui tomada como exemplo:

Filho é preciso dar fim a esta Carta, não porque deixe de ter muitas outras coisas que pudera comunicar-te, mas porque a miséria a que me acho reduzido me acabrunha, a tristeza me debelita as forças, e as precauções que me é preciso tomar, para que me não surpreendam e me embarquem o gosto de me comunicar contigo, me

⁴³ Lobo, op. cit., p. 80.

enfastia e me melancoliza de modo que apenas posso falar nas coisas que me parecem indispensáveis.⁴⁴

Mas, mais grave do que todos estes inconvenientes é, no entanto, a falta de papel, que instigou o Marquês à invenção de um processo de “reciclagem” dos pedaços que lhe iam chegando às mãos:

[...] para que tu vejas o aperto, e a pobreza em que me acho: sabe, que este papel que contem o que até agora tenho dito, já foi escrito de outras coisas, e a necessidade que é a mãe das artes, me fez imaginar com bom sucesso, que seria possível molhando-o, desvanecer-lhe as letras, de um certo modo, que seria dilatado explicarte, e a felecidade foi, ter em que fazer semelhante experiência.⁴⁵

D. João de Almeida Portugal não entra em grandes pormenores quanto à técnica de reaproveitamento desenvolvida, mas os resultados obtidos através dela deixaram marcas físicas nos documentos. Trata-se, na maior parte dos casos, de simples manchas (fig. 8), ainda que, em alguns casos, nomeadamente na carta às filhas mencionada acima, sejam ainda visíveis esquadrias, tarjas e traçados dos documentos originais (fig. 9 e 10), que lembram os palimpsestos da Alta Idade Média (fig. 11).

Se observarmos com atenção as queixas do Marquês de A-lorna acerca da escassez de papel com a qual se vê confrontado, dar-nos-emos conta de que este autor atribui a esta falta algumas das características do que escreve. Numa atitude que recorda as de Quintiliano e de São Jerónimo aludidas acima, D. João considera que a míngua de suporte é causa directa da concisão com que escreve, não só na passagem que acabamos de mencionar, mas em muitas outras, disseminadas tanto pelos três documentos aqui em análise, como pela restante correspondência dos tempos da prisão. Contudo, quando escreve às filhas: “Tenho concluído esta carta, que procurei medir pelo papel que pude conseguir e que pude lavar como já disse a Pedro”⁴⁶ ou quando comenta com a mulher que a ins-

⁴⁴ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: PAIPED1, p. 34.

⁴⁵ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: PAIPED1, p. 35.

⁴⁶ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: PAIFILS1, p. 34.

trução que lhe envia “Não pode ser coisa muito extensa porque para isso seria preciso ter cuidado com mais vagar, que é o que faço tenção de fazer quando tiver mais papel”,⁴⁷ estas palavras parecem indicar que a escassez de suporte terá influído sobre decisões mais profundas quanto à forma de expressão dada pelo autor aos seus textos.

Assim, o Marquês de Alorna atribui ao facto de não ter papel, por exemplo, a fusão numa carta conjunta das duas missivas individuais que inicialmente tinha pensado dirigir a cada uma das filhas,⁴⁸ a pouca clareza com que explica algumas matérias⁴⁹ ou a exclusão de determinados assuntos de uma mensagem dada.⁵⁰ Quando, na carta à mulher aqui em análise, reflecte sobre o que escreve, chega mesmo a afirmar que esta falta, aliada às agruras do encarceramento, lhe afecta tanto o estilo, como próprio processo de escrita:

Parece-me que hás-de perceber uma grande difrença nas minhas cartas porque eu mesmo, quando leio delas alguma coisa, fico pasmado de ver a frialdade, a confusão e a desordem que vai nos meus discursos. Não me posso apurar, porque me cansa e me enfastia, e além disso por mais erros que faça não se podem emendar, nem há modo de tornar atrás com tão pouco papel e, assim, estou como Pilatos, que o que escreveu, escreveu.⁵¹

⁴⁷ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL23, p. 32.

⁴⁸ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: PAIFILS1, p. 1 “Minhas filhas do meu coração a falta de papel que experimento e que me impede escrever a cada uma de vocês separadamente, talvez que tenha mistério e que a pobreza que me obriga a falar-lhe a ambas ao mesmo tempo represente melhor o quanto as trago sempre unidas no meu pensamento e no meu afecto.”

⁴⁹ Colecção particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL23, p. 21: “Já acabei de escrever a Leonor e, por mais breve que quis fazer a tal parlenga das Ciências, sempre me levou quatro folhas de papel. Não disse nada que prestasse porque quis falar em tudo mas, ao menos, contentei alguma coisa a sua grande curiosidade, coitadinha, que merece muito que se gaste tempo com ela. Lá lhe recomendo que mande mais papel em maços e tem tu cuidado nisso porque, desse modo, me posso eu divertir bastantemente, fazendo-lhe algum beneficio.”

⁵⁰ Colecção particular do Palácio Fronteira, cota: JOAMUL23, pp. 30-1: “A respeito das nossas conversações e das ideias de cada um dos presos é que eu poderia dizer muitas coisas, como também das histórias particulares que lhe respeitam. Mas, como não tenho papel, nem fiz ainda considerações bastantes a respeito do que tu me dizes da nossa correspondência, ficará isso para outra vez.”

⁵¹ Colecção Particular do Palácio Fronteira cota: JOAMUL23, p. 19.

Estas observações, para além de revelarem ao investigador que, no caso da esmagadora maioria destes autógrafos, está perante redacções de primeiro jacto e não de cópias a limpo efectuadas a partir de rascunhos anteriores, parecem explicar, tanto o reduzido número de correcções que apresentam, como o tipo de emendas introduzidas nos textos. A crer no testemunho do autor, trata-se de discursos planeados mentalmente antes de serem inscritos no papel, que não sofreram grandes alterações posteriores, nem foram sujeitos a sucessivas campanhas de revisão. Este processo traduz-se, a nível visual, pela ausência quase total de riscados e de acrescentos feitos nas entrelinhas ou nas margens, limitando-se as emendas (em caso de engano ou de releitura) à sobreposição de letras ou de palavras por cima das inicialmente grafadas (fig. 12). Poder-se-ia dizer, talvez, que apesar do carácter privado destas cartas, destinadas apenas aos olhos dos membros do seu núcleo familiar mais íntimo, D. João de Almeida Portugal procurou sempre que fossem legíveis e tivessem uma apresentação limpa.

Em suma, o caso concreto aqui em análise permite pôr em evidência algumas características da relação existente entre o discurso escrito e os seus suportes, ao demonstrar que a falta de papel interferiu com a escrita do Marquês de Alorna a vários níveis:

- limitando com frequência a extensão dos seus escritos;
- levando à fusão num único texto de mensagens inicialmente programadas para serem redigidas separadamente;
- conduzindo a desvios aos modelos retóricos e aos protocolos redaccionais mais correntes na época do género epistolar;
- excluindo ou incluindo determinados assuntos num enunciado específico;
- modificando a organização interna do discurso;
- alterando o aspecto visual do texto (margens, espaço entre as linhas, tamanho de letra, etc.);
- afectando o processo de escrita: obrigou o autor a uma cuidada programação mental do texto a produzir antes da sua primeira inscrição do papel, impediu o recurso a rascunhos, eliminou a possibilidade de efectuar supressões,

acrescentos, reordenações ou reescritas de vulto posteriores à primeira redacção do texto.

À laia de conclusão, gostaríamos de insistir sobre o contributo que o estudo dos suportes e dos utensílios usados para escrever pode dar ao investigador que se debruça sobre manuscritos, sobretudo quando se trata de autógrafos. Como o caso aqui estudado procurou demonstrar, os materiais de escrita são produto de um tempo, de um lugar e de uma cultura específica. Podem constranger ou incentivar a expressão e interferir com o texto que neles se inscreve, parecendo participar, a nível profundo, da sua integridade.

Minhas filhas dos meus olhos agora acan-
 to de beber com grande gosto os teus dois
 bebedeuos pello lictado de condor O mesmo
 nome em dia q' distendore em tua estadia de
 maduroa p' fazer oraç' naõ acordou semo
 nella manhana e q' por isso naõ veio de noite
 agora very ajustado p' vir dia de l. Igua-
 cio e voces the mandavaõ matrepura as suas
 cartas ainda naõ li quasi nada do que
 tu dices Recibi o papel e naõ hat tempo
 p' mais Fico sempre com mto cuidado
 em honra e os refrescoos a tanto q' the hadem
 fazer grande bem a D^a m^{te} Rica filha dos
 meus olhos Dize abençoa aos novos filhos
 e D^a te q' m^{te} aucto como des^o e boy unites
 Guiso mais te mandolongo

Fig. 01

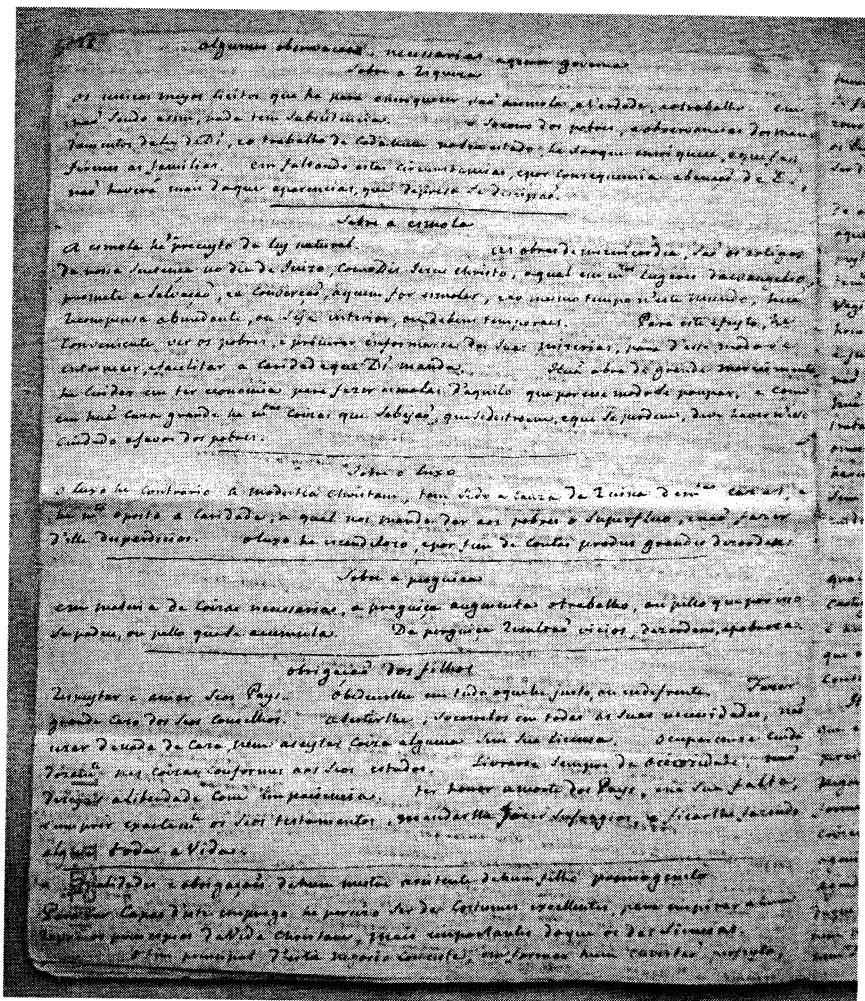
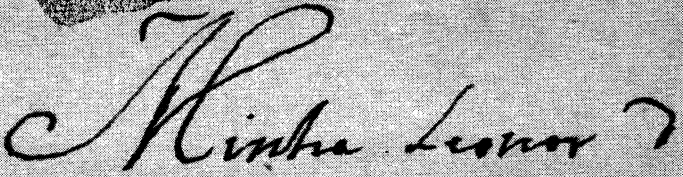


Fig. 04

Muitas filhas de meu Coração a julia de papel que expulsa
 to, e que me impide escrever a vida tua de Vozes separadamente, tal
 me que tenha misto, e que a pobreza que me obriga a falar-te
 a ambos ao mesmo tempo, representa melhor e quanto ao tempo
 sempre unidas no meu pensamento, e no meu affecto. Assim
 e quem eu vejo agora, e de alguma forma que he bem fazer
 da necessidade da vida, tambem he util aheo conversaciones
 que tentam, e que moderam os trabalhos, e as precisas suas
 das semelhantes necessitates, para as mesmas cogasas a vida da
 violenta, que cada vez me foi mais insuportavel esta tresta
 separacao. Quando ha cinco annos se chegou a
 voz com sua May, creio que tuas sciencias, mas se adun
 se podia julgar pela idade que tinham, nao se deu fazer o mesmo
 justo, das boas inclinacoes, que toda logo se lhe descobriam, ante
 de mais attribuir semelhante beneficio, a humo milagre eiden
 tissimo da providencia, que quis por este modo estimavel, dar
 as forças, e alentos, para vencer as furas da adversidade que
 nos opprimia. Quando se quer lembrar a vida da
 benigna providencia, e posso lembrar-te a dade, que
 da memoria das suas boas circumstancias, tu o que aqui faz todo
 o meu divertimento, e que descepa a melancolia perdidissima
 que me abate, e que do uso, mas tambem que de algum
 modo me ajuda, a resignar-me na vontade Divina, e a levar
 esta viagem com mais alguma tolerancia.

Que seja de mim, como nao poderia ser em Vozes posso
 muito de tua May, e de a amor Materno Subdissimo

Fig.06



 Minha Leonor e

hoje juntas a sua caros

de tratar com o Man

Fig. 07

importantes, na...
 grandezas de Di, pelas suas perfeições, e pela grandezas dos benefi-
 cios que d'elle temos recebido, e que se conhece a nossa ingra-
 tidão, que he verdadeiramente incalculavel, e quanto
 mais tenho honras d'este monstro, maior sentida, e maior
 semelhante com Di, que he a unica Criatura que tem odio, mas
 esta divina, infinito, e necessario, sem equal na terra Di,
 mas os poderes he benedicturados, sem termos visto com
 elle algumas semelhantes.

Quantas pecaas he ainda
 de heo indinados, mas de sua ignorancia Crãna, que formos
 consistis a Christandade, em peccar a vida forçada nosmos,
 quando temos, contra d'isso, excellentes, mas que a mesma
 ignorancia materializa, e transforma em hum costume
 cego, que por isso se liga facilmente com mil imperfeições,
 que tambem se encontram n'estas mesmas Criaturas, a

Fig. 08

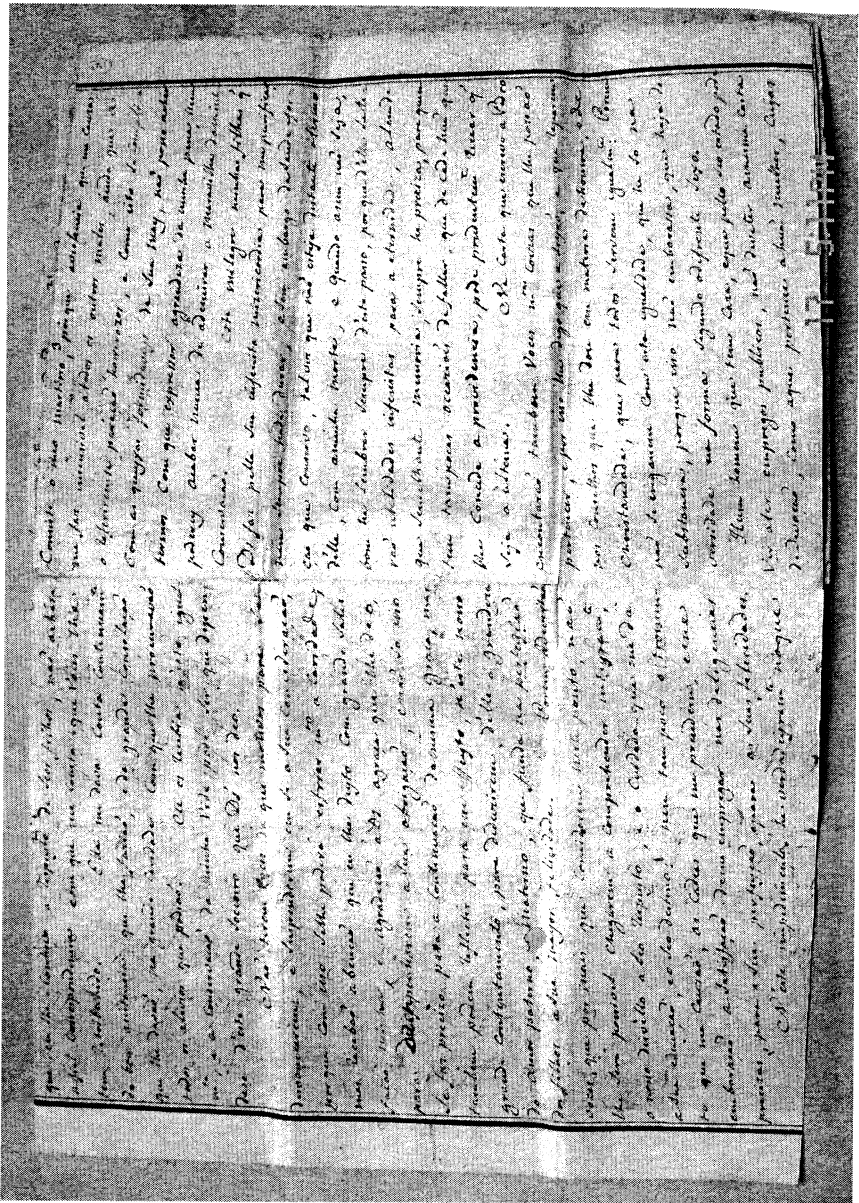


Fig. 09

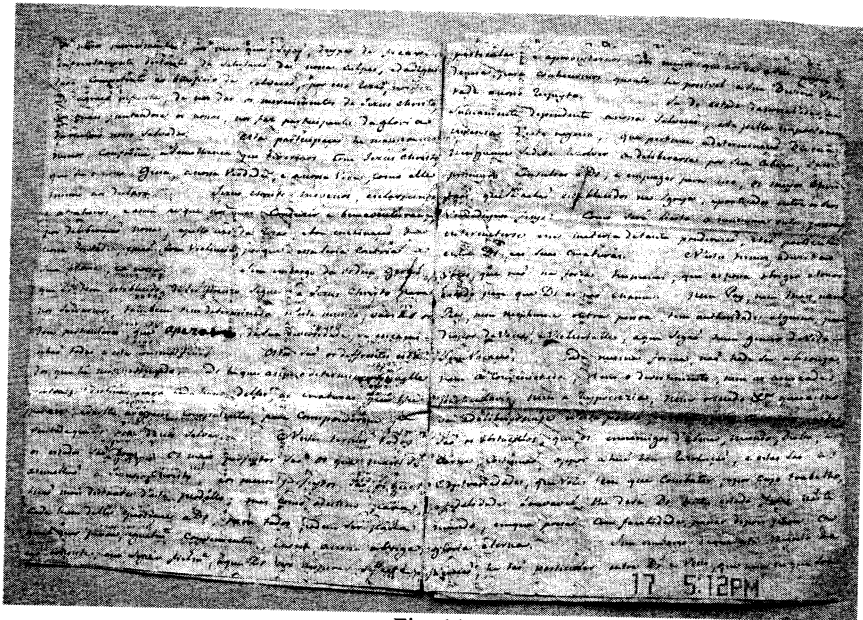


Fig. 11

REFERÊNCIAS:*Manuscritos:*

Colecção Particular Palácio Fronteira: Mss PAIPED1, PAIFILS1 e JOAMUL23

Impressos:

- ALMEIDA, Teresa. Tratados epistolares do século VIII. Teoria e prática na correspondência de Chelas. In: Vanda Anastácio. (Org.). *Correspondências. Usos da carta no Século XVIII*. Lisboa: Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005. p. 25-32.
- ARAÚJO, Ana Cristina. A correspondência: regras epistolares e práticas de escrita. In: NETO, Margarida Sobral. (Coord.). *As comunicações na Idade Moderna*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2005. p. 120-45.
- _____. Com o nome na mão: aproximação ao universo dos alfabetizados na cidade de Lisboa (1700-1830). In: _____. *A cidade e o campo*. Colectânea de estudos. Coimbra: CHSC, 2000. p. 267-84.
- GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.
- GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Lire les manuscrits modernes. Paris: PUF, 1994.
- HAY, Louis. Critiques du manuscrit. In: _____. (Org.) *Naissance du texte*. Paris: José Corti, 1989. p.9-20.
- LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho. Lisboa: Presença, 1992.
- MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras*. Lisboa: INCM, 2000.
- MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella. (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 41-54.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *Meu pai e meu senhor muito do meu coração*. Correspondência do conde de Assumar para seu pai, o marquês de Alorna. Lisboa: ICS, 2000.
- NEVES, José Cassiano. *Miscelânea Curiosa*. Lisboa: Ed. Autor, 1983.
- PORTUGAL, D. João de Almeida, Marquês de Alorna. *Beschreibung der Gefängnisse von Junqueira in Portugal; mit Nachrichten von dasigen Staatsgefangenen bis 1777. Aus dem Portugiesischen von Herrn Abbé Anselm von Eckart. Herausgegeben von C.G. von Murr*. Nürnberg: in der Monath und Kuslerischen Buchhandlung, 1803.
- PORTUGAL, D. João de Almeida, Marquês de Alorna. *As prisões da Junqueira durante o ministério do Marquês de Pombal escritas ali mesmo pelo marquês de Alorna uma das suas vítimas publicadas por José de Sousa Amado, presbítero secular*. Lisboa: s.ed., 1857. (Reedições: Lisboa: s.ed., 1886 e Lisboa: Frenesi, 2005).
- ROUSE, Richard H.; ROUSE, Mary A. Sept siècles de literature manuscrite. In: HAY, Louis. (Org.). *Naissance du texte*. Paris: José Corti, 1989. p. 89-101; Paris: PUF, 1994.
- SANTOS, Zulmira. Cartas de exílio e melancolia: Teodoro de Almeida (1722-1804) a Ribeiro Sanches (1699-1783). *Correspondências. Usos da carta no Século XVIII*. Lisboa: Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005. p. 121-31.